

CAPÍTULO 5

UMA QUESTÃO A MAIS SOBRE ASPECTO NA LIBRAS: A “QUANTIZAÇÃO” DOS SNs

Após formular uma descrição inicial da referência temporal e aspectual em LIBRAS, já é possível estabelecer outras investigações sobre esse tema. Assim, é interessante examinar essa proposta em co-relação com outras teorias da área da aspectologia. Como um primeiro passo para isso, este capítulo apresenta uma análise confrontando a descrição apresentada nesta tese com uma teoria muito interessante da aspectologia, desenvolvida por Verkuyl (1993).

Como a proposta aqui tem tomado o valor temporal e aspectual de outras categorias lingüísticas para análise, e não apenas o verbo, vale a pena abrir um espaço a fim de discutir alguns pontos da proposta de Verkuyl (1993) sobre a participação dos argumentos verbais “quantizados” para a interpretação de aspecto imperfectivo e perfectivo. Porém, é apropriado esclarecer que esse texto é elaborado apenas para demonstrar como a aspectualidade na LIBRAS é uma categoria forte, ou seja, não há intenção de aprofundar a análise aqui realizada sob a perspectiva de Verkuyl (1993), o que por si só isso seria um assunto para a proposição de uma tese. Nesse sentido, este item pode acarretar, além da consideração da aspectualidade dada pela “quantização” na LIBRAS, a organização de outras análises sob esse foco para essa língua, principalmente, no que diz respeito à relação entre os classificadores e aspecto.

Como exemplo da importância de avaliar a participação dos argumentos verbais para a definição da aspectualidade, na LIBRAS, podem ser retomadas as situações observadas, nos dois capítulos anteriores, para os verbos AJUDAR, VER, PERCEBER e OBSERVAR, os quais dependem de seus argumentos para expressarem eventos perfectivos, imperfectivos ou iterativos. Entretanto, antes de verificar a real proposta de Verkuyl (1993), é necessário assinalar alguns fatos sobre como as línguas de sinais expressam a “quantização” em seus sistemas.

5.1 Sobre alguns recursos empregados para expressar “quantização” nas línguas de sinais

Há um número significativo de línguas em que, assim como na LIBRAS, os verbos não estabelecem concordância com a pessoa ou o número de seus argumentos. Com relação à LIBRAS, como mostrado no capítulo 2, Quadros (1995) observa a existência de três tipos de verbos: *plain verbs* (sem flexão a não ser para alguns casos de aspecto), *inflecting verbs* (flexionam para pessoa, número e aspecto) e *spatial verbs* (aqueles que têm afixos locativos). Em outras línguas, como o Mandarim, o Coreano, a Língua Americana de Sinais, também ocorrem esses tipos de verbos, principalmente os *plain verbs*. Por conta disso, de acordo com Petrônio (1995), nessas línguas, o emprego de *bare* NPs pode ser interpretado como singular ou plural. A autora ilustra essas situações com o *bare* NP “cavalo”, o qual depende do contexto para ser interpretado como singular ou plural, como nos exemplos a seguir:

1. *HORSE, INDEX SEE FINISH.*

Horse-topic I see past

Cavalo-topicalizado / ver passado

2. *Ma wo kanjian le* (Mandarim)

Horse I see past

Cavalo eu ver passado

3. *Mal-nin na-ka po-at-ta.* (Coreano)

Horse-topic I-nom see-past-decl.

Cavalo-topicalizado eu-negação ver-passado-declarativa.

Conforme a autora, se essas sentenças são ditas em um contexto no qual os interlocutores acabam de retornar da fazenda tendo apenas um cavalo, “*HORSE*” recebe uma interpretação singular. Entretanto, se ambos sabem que a fazenda tem muitos cavalos, “*HORSE*” recebe uma interpretação de plural. Sem

contexto, as *bare* NPs em sentenças da Língua Americana de Sinais são muito mais interpretadas como singular. Isso se aproxima da LIBRAS, como demonstram os próximos exemplos, porque, para estabelecer a diferença entre singular e plural dos *bare* NPs PROFESSOR, MENINO, MARCA, MENINO GORDO, é necessário conhecer o contexto da história narrada no momento da coleta de dados:

4. ESPERAR FALTAR FORÇA PROFESSOR. (DA, C.avi)

“Esperei, mas faltou força ao professor.”

5. CHAMAR MENINO. (JO, A.avi)

“Chamou o menino.”

6. TIRAR MARCA. (AM, D.avi)

“Tirou a marca.”

7. PISCINA NADAR MENINO GORDO. (JO, A.avi)

“O menino gordo nadou na piscina.”

Assim como o Coreano, o Mandarim e a Língua Americana de Sinais, a LIBRAS também tem recursos para especificar se o NP é plural ou singular, mas, como se observa em ocorrências como as dos exemplos anteriores, quando a informação é avaliada pragmaticamente, ela não tem que ser redundantemente marcada no NP. Isso porque, de acordo com Roberts (1995), pela proposta da acomodação, se alguma situação não está explicitada no discurso, o interlocutor, a fim de cooperar, age como se o assunto já pertencesse ao campo comum. Ou seja, no interesse de ocorrer uma interpretação adequada, os interlocutores interagem como se a relevância – contextualmente dada pela restrição de domínio – fosse claramente produzida pelo locutor. Esses exemplos, portanto, ilustram que fatores pragmáticos, como o conhecimento de mundo colocado por Roberts (1995), também têm um papel na determinação da “quantização” dos *bare* NPs. Note-se, na próxima sentença da LIBRAS, como o locutor tenta auxiliar a construção da restrição feita

pelo interlocutor, agora percebendo a necessidade de “quantizar” o SN “MARCA”, recorrendo à sua repetição, já que aparece a expressão “CADA UM”:

8. MARCA TER CADA UM MARCA. (AM, D.avi)

“Cada um tem uma marca.”

Esse exemplo também denota a heurística I, observada por Levinson (2000), visto que a mudança no tipo de enunciado, ocorrida pelo acréscimo de informação, leva o interlocutor a pressupor que há um significado diferente a ser avaliado. Essas modificações nos enunciados para significar número também são examinadas por Amaral, Coutinho & Martins (1994) ao afirmarem que a Língua Gestual Portuguesa pode pluralizar os nomes pela incorporação ao substantivo de quantidades pequenas, por processos não manuais, pelo emprego de sinais específicos, por repetição do movimento e pelo uso de redobro, que são sinais realizados pela mão dominante e repetidos pela mão não dominante. Zeshan (2000) também notou o processo de incorporação para Língua Indo-Paquistanesa de Sinais. É interessante observar que na LIBRAS também há sinais específicos para estabelecer quantidade, como os sinais “VÁRIOS”, “ALGUNS” e “CADA”, além da repetição e da própria numeração (como no exemplo anterior). Com relação à incorporação, parece que, nessa língua, ela é bastante empregada nos casos de ocorrências de classificadores como em:

9. CL<RATINHO DOBRAR^{3x (flexão-iterativo)} MONTAR BARCO, >. (RO, H.avi)

“O ratinho dobrando montou o barco.”

Essa sentença expressa uma situação representada de forma condensada por meio do emprego de sinais ricos em articulações de movimentos e expressão facial, que dão conta, entre outras coisas, da determinação da singularidade e da pluralidade. Sobre essa questão, Felipe (1998) constatou que, no Tzeltal, os classificadores são obrigatórios em frases contendo numeral e, no Mandarim e no Vietnamita, com demonstrativos. Os classificadores, nessas línguas, podem ser de espécie, os quais individualizam os objetos por eles referidos em termos de tipos de

entidades, ou de medida, que particularizam quantidades. A autora ainda apresenta os classificadores predicativos que existem em algumas línguas cujos verbos classificadores variam de acordo com as características das entidades referidas enquanto argumentos dos verbos.

Em sua pesquisa, Felipe (1998) coloca que, com relação a categorias que não classificam propriedades inerentes a objetos, como a “quanta”, podem acontecer associações entre diferentes categorias e, por isso, em línguas de classificadores de predicado e coordenantes podem ocorrer subclassificações para número e gênero. A autora cita como exemplo dessa situação as seguintes ocorrências na LIBRAS:

10. ^{1pessoa}PASSAR, ^{2pessoaS}PASSAR, ^{3pessoaS}PASSAR. (FELIPE, 1998:50)

“Uma pessoa passou, duas pessoas passaram, três pessoas passaram.”

Sobre essas subclassificações, a autora faz um comentário que merece ser reproduzido aqui, por ressaltar a necessidade de se considerar as questões pragmáticas para analisar o processo de organização de classificadores:

Destas divisões e subdivisões de classificadores pode-se perceber que elas se baseiam, também, na perspectiva do falante em relação ao contexto, portanto o nível pragmático da língua deve ser, também, avaliado porque não se trata somente de morfemas específicos para objetos específicos mas, em alguns casos, de morfemas associados a objetos a partir de um determinado contexto... (FELIPE, 1998:51)

É interessante o fato de a autora chamar a atenção para o reconhecimento de que alguns elementos estruturais da língua fazem parte da construção dos significados, principalmente, no que diz respeito à interpretação de classificadores. Isso reforça a hipótese de Levinson (2000), considerada nesta tese, ao colocar que o tipo de enunciado pode ser subsídio para implicaturas conversacionais. É possível, por exemplo, que entre em jogo, para a leitura de classificadores, a heurística **M** com a predição de que aquilo que é dito de maneira anormal não é normal. Desse modo, vale a pena a indicação de Felipe (1998) para se considerar o nível pragmático na análise de classificadores.

A partir dessas e de outras questões, Felipe (1998) percebe, ainda, que existe uma certa regularidade em relação à utilização de classificadores, pois eles sempre

estão ligados a uma função morfossintática, uma vez que o processo de classificar, por meio deles, ocorre com acréscimo a um radical nominal ou verbal, bem como por derivação interna da raiz, ou mesmo em todos os elementos da frase. Nessa perspectiva, os morfemas classificadores podem ser analisados como marcas de concordância de gênero, de número e de lugar. Conforme a autora, no caso da LIBRAS, um classificador para “quanta” é marcado pelo modo de realização do movimento e pela configuração das mãos. Quer dizer, quando uma configuração de mão, por exemplo, se associa a verbos classificadores, esses podem ter função de gênero, que pode estar correlacionado, ao mesmo tempo, a um “quanta”, ou a um arranjo, ou a um locativo.

Sobre essa situação, Partee (1995) observa que, na Língua Americana de Sinais, um classificador denotando o movimento do objeto é incorporado dentro do sinal do verbo e esse mesmo classificador pode adicionar informações sobre quantificação como singular, plural e grupo. Observem-se os exemplos da autora:

11.CL:G uma entidade singular

CL:44 uma entidade plural

a) *[Student]_{TOP} @CL:44 went west.*

“The/sm students went west.”

Os estudantes foram para o oeste.

Estudantes foram para o oeste.

b) *[Student]_{TOP} @CL:G went west.*

“The/a student went west.”

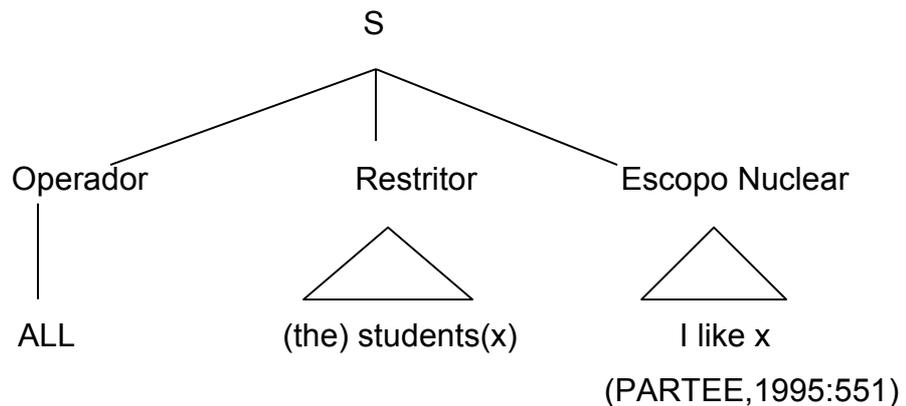
O/um estudante foi para o oeste.

c) *[Student @CL:GROUP]_{TOP}, @ A-L-L, I like.*

“I like all (of the) students.”

Eu gosto de todos os estudantes.

Eu gosto dos estudantes.



De acordo com Partee (1995), na Língua Americana de Sinais, há um tipo de mecanismo de quantificação que tem como característica a sua associação aos verbos ou a outros predicados realizados morfologicamente ou sintaticamente, mais do que, no, ou, com, os argumentos NPs. Além disso, seus efeitos são locais, limitados para o tipo de mudança de significado que pode ser caracterizado por um regra lexical operando no verbo ou no predicado. Assim, eles podem afetar argumentos de um dado verbo, mas não de outros NPs. Por isso, freqüentemente, eles aparecem com outras modificações verbais, inclusive as relacionadas a aspecto iterativo.

Essa é uma das questões avaliadas no próximo item, pois emprego de classificadores pode denotar essa marcação de “quantização” também nos verbos de LIBRAS. Além disso, os classificadores apresentam leitura tanto para situações imperfectivas como para perfectivas, o que mostra não ser apenas o verbo que entra em jogo para expressar aspecto na LIBRAS, mas toda a estrutura dos argumentos verbais.

5.2 A “quantização” dos SNs na LIBRAS e a aspectologia de Verkuyl (1993)

Nesta tese, as categorias tempo e aspecto são investigadas sob uma perspectiva que enquadra este fenômeno no âmbito da semântica e da pragmática. Isso é possível ao se pensar a língua como um sistema dinâmico, pois, de acordo com Castilho (2003), é necessário entender o dinamismo constitutivo das línguas naturais. Para tanto, a língua é tomada para ser multissistêmica considerando que

qualquer expressão lingüística exhibe simultaneamente propriedades lexicais, discursivas, semânticas e sintáticas, variando o grau entre elas, por razões pragmáticas. Nesse sentido, a descrição desenvolvida nesta tese mostra que a referência temporal e aspectual, na LIBRAS, pode ser decorrente do conteúdo lexical dos verbos – considerada por Lin (2002) como flexão semântica –; da interação entre advérbios, expressões temporais e a sentença, funcionando como operadores que determinam o tempo de referência para eventos; e de aspectos pragmáticos, como o conhecimento compartilhado e as heurísticas propostas por Levinson (2000), para avaliar o papel dos tipos dos enunciados.

Agora, neste item, é apresentado mais um fator que parece fazer parte dessa constituição dinâmica para a referenciação aspectual na LIBRAS, trata-se da participação da semântica dos constituintes do VP, discutida por Verkuyl (1993). Entretanto, esse autor, diferentemente da análise aqui realizada, não considera as relações lingüísticas e extralingüísticas que podem estar envolvidas na aspectualidade. Também não é suficientemente avaliado, em sua proposta, o papel desempenhado pelo advérbios temporais na organização aspectual ou a participação do contexto para a seleção, por exemplo, entre imperfectivo e iterativo como demonstrado para a LIBRAS no capítulo anterior. Por isso, nessa análise, a proposta de Verkuyl (1993) é revista sob o enfoque já observado para a descrição realizada no capítulo 4.

A afirmação mais contundente de Verkuyl (1993) é a de que não é suficiente denominar classes aspectuais apenas pelas características lexicais dos verbos, porque a formação aspectual é um processo que se dá também no nível estrutural. De acordo com o autor, os pesquisadores têm se preocupado muito mais com as classes aspectuais do que em estabelecer parâmetros lingüísticos para definir aspecto e, quando estabelecem tais parâmetros, esses não são relacionados aos constituintes da língua natural, mas somente aos verbos. Além disso, Verkuyl (1993) ressalta que todos os parâmetros envolvidos são temporais, o que se torna inviável, pois, na composição aspectual também estão envolvidas entidades atemporais.⁸⁷ Esse ponto está de acordo com a análise dos capítulos 3 e 4, visto que, além da lexicalidade do verbo, outros fatores, como flexão morfológica para aspecto e a

⁸⁷ Para uma leitura mais abrangente da proposta de Verkuyl (1993), aplicada à Língua Portuguesa, ler Wachowicz (2003).

participação de advérbios e expressões temporais, são analisados como elementos essenciais para a referência aspectual.

Em sua proposta, o autor revê pontos importantes discutidos dentro da teoria aspectual, principalmente com relação ao papel dos argumentos verbais para a leitura aspectual. A distinção entre intervalo homogêneo (imperfectivo) e heterogêneo (perfectivo), por exemplo, pode ser feita, conforme Verkuyl (1993), em paralelo com a distinção entre VPs durativos e pontuais. VPs como *walked in the park* seriam considerados imperfectivos, porque eles são homogêneos (verdadeiros em um intervalo i , e também para qualquer subintervalo de i). Por outro lado, *walk to Rome* seria perfectivo porque é verdadeiro em i e falso em qualquer subintervalo de i , portanto é heterogêneo. Daí a oposição entre aspecto imperfectivo e perfectivo, explicada em termos de ocorrer ou não homogeneidade.

Desse modo, percebe-se que o interesse real recai sobre o verbo e seus complementos, uma vez que têm contribuições diferentes a fazer. No que diz respeito à estrutura, o verbo induz a uma temporalidade para qual a informação associada com seu complemento está relacionada. Quando isso acontece, estruturas com o mesmo verbo, mas com argumentos internos distintos, podem ser perfectivas ou imperfectivas.

A fim de dar conta dessa aspectualidade inerente aos argumentos verbais, Verkuyl (1993) retoma a idéia de que os papéis temáticos constituem a estrutura argumental associada com o verbo. Mas, diferentemente da lógica padrão, que vê a predicação de *n-lugares*, na proposta localística de Verkuyl (1993) os papéis temáticos acontecem em um modelo de três lugares. A idéia básica é que há um Tema (a entidade de movimento), uma Fonte (onde o movimento começa) e um Objetivo (onde o movimento termina). No caso de se ter X para o Tema, Y para a Fonte e Z para o Objetivo, X move-se de Y para Z, onde Y e Z são conectados no sentido de que eles são ponto inicial e ponto terminal do *path* do Tema. Na verdade, o que acontece é um estabelecimento de etapas (*paths*) para a composição matemática da sentença que toma o Tema a partir do verbo, depois desse para o complemento e do VP para o sujeito e, por último, da sentença para a aspectualidade externa.

Essa composição entre os constituintes da sentença se dá a partir de escolhas matemáticas. Para isso, Verkuyl (1993) propõe um cálculo a fim de estabelecer diferenças aspectuais: o Princípio do Mais. De acordo com esse princípio, se os valores de traços semânticos dos verbos e dos nomes, nas sentenças, são todos positivos, a leitura denotada é de aspecto perfectivo. Com a ocorrência de um valor negativo, tem-se o imperfectivo. Há, assim, dois parâmetros envolvidos nesse princípio: a especificação [\pm ADDTO] para os verbos e [\pm SQA] para os SNs. O parâmetro [-ADDTO] é determinado para os verbos estativos e [+ADDTO] para verbos não-estativos. Já o parâmetro [+SQA] diz respeito ao SN que apresenta quantidades definidas e [-SQA] ao SN sem definição de quantidade. Para exemplificar isso, podem-se analisar as sentenças em (a) e (b), propostas pelo lingüista:

- a) *Judith ate three sandwiches.*
- b) *Judith ate sandwiches.*

No caso de (a), os dois SNs e o verbo da sentença têm valor positivo com relação a esses parâmetros, devido a isso, o valor aspectual é perfectivo. Já em (b), o SN sujeito é [+SQA], o verbo [+ADDTO] e o SN complemento [-SQA], ou seja, a estrutura da sentença tem significação imperfectiva. Portanto, para que ocorra o aspecto perfectivo, todos os constituintes da sentença devem apresentar traços positivos em seus parâmetros, caso contrário, a sentença será imperfectiva.

Verkuyl (1993) sugere que se considerem sentenças como essas em que os verbos podem ter processo perfectivo ou imperfectivo, dependendo de seus complementos e não de diferenças lexicais, pois tais sentenças são indícios de que a noção de pluralidade está envolvida na ocorrência de aspectualidade, ou seja, para o autor, o que está em jogo é a existência ou não de NPs “quantizados”. Dessa maneira, de acordo com o autor, a mudança aspectual ocorre muito mais por causa dos argumentos internos do verbo, com uma reunião de informações temporais e atemporais. Essa síntese da análise de Verkuyl (1993) já permite verificar a importância de considerar a relação entre a “quantização” dos SNs e a aspectualidade das sentenças.

Essa composição entre os constituintes da sentença se dá a partir de escolhas matemáticas. Para isso, Verkuyl (1993) propõe um cálculo a fim de estabelecer diferenças aspectuais: o Princípio do Mais. De acordo com esse princípio, se os valores de traços semânticos dos verbos e dos nomes, nas sentenças, são todos positivos, a leitura denotada é de aspecto perfectivo. Com a ocorrência de um valor negativo, tem-se o imperfectivo. Há, assim, dois parâmetros envolvidos nesse princípio: a especificação [\pm ADDTO] para os verbos e [\pm SQA] para os SNs. O parâmetro [-ADDTO] é determinado para os verbos estativos e [+ADDTO] para verbos não-estativos. Já o parâmetro [+SQA] diz respeito ao SN que apresenta quantidades definidas e [-SQA] ao SN sem definição de quantidade. Para exemplificar isso, podem-se analisar as sentenças em (a) e (b), propostas pelo lingüista:

- a) *Judith ate three sandwiches.*
- b) *Judith ate sandwiches.*

No caso de (a), os dois SNs e o verbo da sentença têm valor positivo com relação a esses parâmetros, devido a isso, o valor aspectual é perfectivo. Já em (b), o SN sujeito é [+SQA], o verbo [+ADDTO] e o SN complemento [-SQA], ou seja, a estrutura da sentença tem significação imperfectiva. Portanto, para que ocorra o aspecto perfectivo, todos os constituintes da sentença devem apresentar traços positivos em seus parâmetros, caso contrário, a sentença será imperfectiva.

Verkuyl (1993) sugere que se considerem sentenças como essas em que os verbos podem ter processo perfectivo ou imperfectivo, dependendo de seus complementos e não de diferenças lexicais, pois tais sentenças são indícios de que a noção de pluralidade está envolvida na ocorrência de aspectualidade, ou seja, para o autor, o que está em jogo é a existência ou não de NPs “quantizados”. Dessa maneira, de acordo com o autor, a mudança aspectual ocorre muito mais por causa dos argumentos internos do verbo, com uma reunião de informações temporais e atemporais. Essa síntese da análise de Verkuyl (1993) já permite verificar a importância de considerar a relação entre a “quantização” dos SNs e a aspectualidade das sentenças.

Pelo que se observou no capítulo 2, a maioria das investigações sobre aspecto, realizada pelos autores da área da linguagem e surdez, estão orientadas por uma perspectiva de classificação dos verbos, como se tem feito historicamente a partir dos estudos de Vendler (1967). Entretanto, nos capítulos 3 e 4, já se mostrou que outros elementos lingüísticos e extralingüísticos fazem parte da significação aspectual na LIBRAS. Inclusive no que diz respeito à morfologia nessa língua – bastante recorrente para a aspectualidade – e ao uso de classificadores que parecem “quantizar” os SVs. Isso porque a participação da “quantização” na referência aspectual pode estar relacionada aos classificadores, até pela organização desses sinais apresentar a possibilidade de o verbo receber marca de “quantização”. Observem-se os exemplos:

12. CL < RATINHO COMEÇAR ROER ^{flexão-cursivo ou iterativo} > (RO, H.avi)

[+SQA] [+ADDTO] [+ADDTO]

“O ratinho começou a roer.”

13. CL<RATINHO CORRER ^{flexão-cursivo} > (RO, H.avi)

[+SQA] [+ADDTO]

“O ratinho correndo...”

14. CL <RATINHO CORRER CANTO>. (RE, I.avi)

[+SQA] [+ADDTO] [+SQA]

“O ratinho correu para o canto.”

15. CL <RATINHO VER/OBSERVAR ^{flexão-cursivo} GRANDE MAR> ,

[+SQA] [-ADDTO] [+SQA]

DOBRAR ^{flexão-cursivo ou iterativo} BARCO... (MA, G.avi)

[+ADDTO] [+SQA]

“O ratinho ficou observando o grande mar, dobrando o barco...”

16. CL <VER BARCO⁺⁺ NAVEGAR^{flexão-cursivo}>. (MA, G.avi)

[+ADDT0] [+SQA] [+ADDT0]

“Viu barcos navegando.”

17. BARCO RATINHO ENTRAR REMAR^{flexão-cursivo} TRANQÜILIDADE. (MA,G.avi)

[+SQA] [+SQA] [+ADDT0] [+ADDT0]

“O ratinho entrou no barco e saiu remando tranqüilamente.”

18. DOBRAR PAPEL LADO OUTRO LADO. (RO, H.avi)

[+ADDT0] [+SQA] [+SQA]

“Dobrou o papel de um lado e do outro.”

Mesmo com esses poucos exemplos já é possível perceber que classificar os eventos em [±SQA] ou [±ADDT0] não é uma tarefa simples, pois parece que, dependendo do contexto, ou de uma escala pragmática entre <ATIVIDADE, ESTADO>, todas as ocorrências desses exemplos poderiam ter uma classificação diferente. Além disso, é possível em alguns casos, como em (12), (13) e (16), ocorrer falha na aplicação do Princípio Mais, visto que, nesses exemplos, é possível a ocorrência positiva para os traços tanto do SN quanto do SV e, ainda assim, ser plausível a leitura imperfectiva para todas essas sentenças ou, ainda, iteratividade para (12) e (16).

Essa situação permite a investigação de alguns fatos. Primeiro, a morfologia flexional, na LIBRAS, pode funcionar como operador sobre a aspectualidade interna, por exemplo em (12), (13) e (16). Nessas sentenças, mais do que a ausência ou a “quantização” do argumento interno do verbo, é a “quantização” do próprio evento denotado pelos verbos, por meio da flexão, que gera diferenças aspectuais. Segundo, a seleção entre aspecto perfectivo, imperfectivo e iterativo, mesmo com uma análise dada pelo Princípio Mais, parece necessitar do conhecimento compartilhado para se dar acomodação dos significados, como propõe Roberts (1995). Para comprovar isso, note-se que em (15) é possível aspecto imperfectivo ou iterativo. Já em (17), é difícil a diferenciação para perfectividade e imperfectividade no evento de “REMAR^{flexão-cursivo} TRANQÜILIDADE” (“sair remando

tranqüilamente.”). Ainda, a sentença em (18) pode ser lida como perfectiva ou iterativa.

Embora a ferramenta avaliada por Verkuyl (1993) não pareça suficiente para explicar a aspectualidade matemática na LIBRAS – pois, mais uma vez, questões pragmáticas, além de sintáticas, fazem-se necessárias – um fato é certo: existe relação entre “quantização” e aspecto, nessa língua. Para comprovar isso, basta analisar, nas sentenças exemplificadas, que o aspecto não é decorrente apenas da lexicalidade verbal, visto que nos pares (13) e (14), (15) e (16) os verbos se repetem, no entanto, as situações denotadas por eles têm a aspectualidade diferenciada pelos complementos: CANTO, GRANDE MAR e BARCO++.

Por isso, propõe-se aqui que, em estudos posteriores sobre a LIBRAS, procure se dar um tratamento com base em um modelo teórico que considere os aspectos semânticos, sintáticos e, também, pragmáticos para ocorrências de tempo e aspecto nessa língua. Isso porque, como mostram os dados aqui apresentados, a formação aspectual na LIBRAS não pode ser explicada apenas pela classificação lexical de determinados verbos, nem somente por “quantização” dos SNs; também não é possível considerar como único fator a flexão aspectual ou a ocorrência de advérbios temporais. Na realidade, todos esses elementos fazem parte da estrutura dinâmica e multissistêmica da LIBRAS, principalmente, quando se trata de avaliar a significação dos sinais classificadores. Esse é um tema que merece ser aprofundado por outras investigações, bem como a “quantização” que é denotada em outras situações, nessa língua, e a relação com a aspectualidade.

5.3 Síntese do capítulo

Há diferentes possibilidades de marcação de plural em línguas de sinais: incorporação de quantidades pequenas ao substantivo, processos não manuais a fim de indicar quantidade, emprego de sinais específicos, repetição do movimento e emprego de redobro. É possível explicar o acréscimo de informações nos enunciados, para dar conta da pluralização, por meio da heurística I, observada por Levinson (2000).

Os *bare* NPs são fortes indícios de que o contexto é necessário para o estabelecimento da diferença entre plural e singular nas línguas de sinais.

O emprego de “classificadores”, na LIBRAS, com significação de quantidade é recorrente. Para a interpretação dessas formas, pode ser interessante uma avaliação que considere a heurística **M** de Levinson (2000), ou seja, a participação do nível pragmático.

Os classificadores fornecem pistas para analisar a associação de quantificação aos verbos e não só aos nomes.

As línguas apresentam uma organização dinâmica e multissistêmica, por isso a referência aspectual, na LIBRAS, pode ser decorrente também da “quantização” no sistema lingüístico.

A investigação de aspecto a partir de estruturas temporais e atemporais – principalmente com relação à “quantização” proposta por Verkuyl (1993) – permite analisar a ocorrência de classificadores que denotam “quantização” e a relação aspectual por eles expressada. No entanto, é necessário uma revisão das ferramentas propostas por Verkuyl (1993) para uma descrição mais acurada, visto que a classificação de eventos em [±SQA] ou [±ADDTO] parece depender do contexto, ou de uma escala pragmática, o que dificulta a aplicação do Princípio do Mais.